

Antroponímia Latina nas “Cantigas d’Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses”

(Primeira Parte)¹

António da Costa Pereira

Universidade do Minho

1. Introdução

1.1. Linguística e Literatura

Segundo Roland Barthes (1980: 9-16), a aproximação que hoje nos parece enriquecedora e natural entre a Linguística e a Literatura só foi conquistada no século passado graças à insistência de linguistas como Roman Jakobson, Hjelmslev e Benveniste.

Se observarmos o título deste trabalho – “Antroponímia Latina nas «Cantigas d’Escarnho e de Mal Dizer dos Cancioneiros Medievais Galego-Portugueses»” –, verificaremos, de imediato, que ele aponta precisamente para um tratamento linguístico (predominantemente etimológico) de um texto literário, mais precisamente de um dos seus campos lexicais – a antroponímia latina. Porquê fazer das cantigas de escárnio e de maldizer rampa de ensaios da Linguística? Porque, dos três grandes géneros da lírica trovadoresca, estas poesias têm sido até então as menos estudadas; porque constituem um testemunho imprescindível para o conhecimento da outra face do homem medieval²; porque, fazendo alarde de um estilo rude mas sincero, deitam mão de um vocabulário variegado e polícromo. Assim sendo, o “valor das cantigas de escárnio e maldizer é pois incalculável, quer do ponto de vista linguístico, quer histórico, etnográfico ou literário” (Fonseca 1971: 8).

Os grandes repositórios da poesia satírica galego-portuguesa continuam a ser os Cancioneiros da *Vaticana* (V, Braga: 1878) e o da *Biblioteca Nacional* (B, Cintra: 1982) (antigo *Colocci-Brancuti*) mas, para uma análise orientada, podemos contar com as edições críticas das “Cantigas d’escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses” da autoria de Manuel Rodrigues Lapa (L): a primeira, de 1965; a segunda, revista e acrescentada pelo mesmo autor, de 1970³.

¹ Devido à extensão deste trabalho (cerca de 25 páginas), decidimos dividi-lo em duas partes, esperando que em breve surja uma nova oportunidade para publicarmos a segunda. Pensámos ainda em elaborar uma síntese mas, atendendo às características deste estudo, concluímos que essa não seria a melhor opção.

² Cf. Rodrigues Lapa, *Crestomatia Arcaica*, 4ª ed., Sá da Costa, 1976, p.6.

³ Às 428 cantigas da primeira edição, Lapa acrescentou 3 na segunda.

“Em homenagem ao Mestre Rodrigues Lapa, em vésperas da passagem do primeiro centenário do seu nascimento”, as Edições Sá da Costa deram a público, em Novembro de 1995, uma edição ilustrada das *Cantigas* “com uma nova concepção gráfica, sem prejuízo porém dos cuidados científicos e pedagógicos que o Prof. Rodrigues Lapa imprimiu à sua tão acarinhada edição crítica”⁴.

1.2. Métodos e Objectivos

Sabendo que “as cantigas de escarnho e de maldizer constituem um repertório precioso (e ainda não inteiramente decifrado) dos usos linguísticos medievais” (Lanciani 1993: 139), não nos foi difícil encontrar um “corpus” lexical que nos servisse de base para este ensaio. A nossa escolha recaiu na antroponímia de origem latina, primeiro porque é substancialmente a mais representativa (superior à de origem germânica, por exemplo), depois porque com ela pretendemos iniciar um trabalho de maior fôlego – o estudo da onomástica medieval nas “cantigas d’ escarnho e de mal dizer”.

Em virtude da profusão de termos onomásticos que nestes textos ocorrem⁵, impôs-se, como primeira etapa da nossa pesquisa, a necessidade de distinguirmos os topónimos dos antropónimos, tarefa difícil dada a proximidade e interpenetração dos dois domínios. Acreditando que “el significado del enunciado depende fundamentalmente del contexto” (Lyons 1983: 197), procurámos contextualizar cada um dos termos e verificámos que nomes que à primeira vista pareciam antropónimos, como por exemplo “Estela” (L 242, v. 14), não o eram de facto. Mesmo assim, num ou noutro caso permaneceram as dúvidas já que o contexto e as notas que deles possuíamos não eram suficientemente esclarecedores.

Para a formação do “corpus” antroponímico em estudo, considerámos somente as formas cuja origem latina tem sido maioritariamente aceite pelos especialistas. Contabilizámos então um total de 25 antropónimos, entre nomes próprios, apelidos e alcunhas. Mas o número poderia ser bem mais elevado: para não sobrecarregarmos este embrionário e, por isso, desprezioso trabalho, não fizemos objecto da nossa atenção outros nomes que não o primeiro, no caso dos indivíduos identificados por dois ou mais elementos (*Lopo Gato, Marinha Lopez, Milia Sancha Fernandez...*). Na abordagem que fizemos de cada um destes 25 lexemas, e depois de os situarmos nos Cancioneiros B e V e ainda na edição (2ª) de Lapa, através do número da cantiga onde ocorrem, procurámos identificar a personalidade textual a que se reportavam, referindo também algumas das figuras que na História mais se destacaram. A nível linguístico, indicámos, de acordo com as peculiaridades de cada antropónimo, o étimo latino e a sua evolução morfológica, fonética e até semântica.

⁴ Cf. “Nota dos Editores” em *Cantigas d’escarnho e de mal dizer dos cancioneiros medievais galego-portugueses*, Edições João Sá da Costa, 1995.

⁵ Lapa, no “Índice Onomástico” da 2ª edição das “*Cantigas d’ escarnho e de mal dizer*”, apresenta-nos cerca de 460 nomes de indivíduos (alguns constituídos por dois ou mais elementos) e de localidades.

Aspectos sintácticos com algum relevo foram também considerados. Relativamente à actualidade de cada nome, quase nos limitámos às informações colhidas no *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa* de J. Pedro Machado e às listas telefónicas de Portugal Continental e Insular.

2. Nomes próprios, apelidos e alcunhas de origem latina

2.1. ABRIL: L 87, B 1072, V 663; vv. 1, 15 e 29⁶ (Bernaldo de Bonaval e Abril Perez)

De parceria com Bernaldo (ou Bernal) de Bonaval, *Abril Perez* surge como autor de uma única cantiga escarninha – esta tenção em que discute com o segrel galego o valor das respectivas donas. Alguns autores⁷ vêem neste *Abril Perez* o senhor de Lumiares, poderoso rico-homem português e presumível neto de D. Afonso Henriques. Pidal (1957: 146) acredita, no entanto, tratar-se de um “burguês compostelano”, “conterrâneo” de Bernaldo, enquanto que Oliveira caracteriza-o como um jogral, “muito provavelmente galego, activo na primeira metade do século XIII”⁸. Usado como nome próprio em *Abril Perez*, o antropónimo surge ainda, nas *Cantigas de Escárnio e Maldizer* (L 243, B 104; v.4), na qualidade de apelido: *Orrac' Abril*, esta seguramente filha de D. *Abril Perez* de Lumiares⁹.

Do latim *Aprile-* (*Aprilis, is, m.*), *Abril*, segundo mês do antigo calendário romano¹⁰, chegou a ser utilizado para designar as pessoas que nasciam durante ele¹¹. Segundo Dauzat (1988: 254), o nome do mês, usado como “surnom peut évoquer (...) l' époque de la naissance”. Para o mesmo autor (p. 255), a preferência por *Abril* deve-se em parte ao facto deste mês “symboliser le printemps”. Neste sentido, e embora a origem do vocábulo *Abril* pareça continuar obscura, há quem a relacione com o verbo latino *aperire*, «abrir», evocando o desabrochar da Primavera¹². Em Portugal, o antropónimo *Abril* surge como nome próprio pelo menos no séc. XIII,

⁶ Em B, vv. 1, 14 e 28, respectivamente.

⁷ Entre eles, Lapa (p. 144) e Machado (I, p. 34).

⁸ *Div. da Lit. Med.*, p. 13. Na linha de Pidal, D. Antonio Lopez Ferreiro acrescenta que *Abril Perez* é “um burguês compostellano, mencionado no testamento de D. Abril Fernandez (1269)”. Michaëlis (p. 580) cita Lopez Ferreiro mas parece não concordar com ele.

⁹ Rezam assim os “Livros de Linhagens”: “D. Pero Affonso (...) foi casado com D. Urraca Affonso filha d'elrey D. Affonso o primeiro rey que houve em Portugal (...) e fege em ella D. Abril Pires de Lumiares (...) e este (...) foi casado com D. Sancha Nunes Baruoza, e fege em ella D. Urraca Abril e Pero Abril, e estes ambos foram gafos” (*P. M. H.*, “Scriptores”, p. 162).

¹⁰ *Abril* era o segundo mês do antigo calendário romano já que o ano de Rómulo tinha o seu início em Março. A reforma de Numa reduziu-lhe a duração para 29 dias mas, com o calendário juliano, passou a ser o quarto mês e a ter os 30 dias que hoje possui.

¹¹ Semelhante processo aconteceu, por exemplo, com Januário, cognome tirado do latim *Januariu-*, o mês de Janeiro (Ver, entre outros, L. de Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 67; e Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXI, p. 18).

¹² Nunes (*op. cit.*, p. 18) defende esta teoria mas Machado (I, p. 34) recusa-a. Piel (“Nomes de «possessores»”, p. 173) refere que quanto “à origem de *Aprilus*, pode hesitar-se entre *Aper* e *Aprilis*”.

na figura de *Abril Perez*, e no princípio do século seguinte (1305) com *Abril Eanes*¹³. Como patronímico, *Abril* mantinha a mesma forma tal como se pode verificar em *Orrac' Abril* (Orraca, filha de *Abril*). Actualmente parece ocorrer apenas como apelido e topónimo e ainda assim de forma esporádica¹⁴. Foneticamente, na passagem do étimo latino para a forma actual verificou-se a apócope do fonema palatal /e/ e a sonorização da bilabial /p/: *Aprile-* > *April* > *Abril*. Observe-se ainda que nos nomes terminados em /a/, e que precedem o apelido *Abril*, se dá geralmente a apócope desse fonema: *Orraca Abril* > *Orrac' Abril*¹⁵.

2.2. ACENÇO: L 282, B 916, V 503; vv. 1¹⁶, 9¹⁷ e 16¹⁸ (Martim Moxa ou Moya)

Tendo como provável base histórica os “distúrbios dos ricos-homens de Leão e Castela entre 1270 e 1280, que obrigaram o Rei a tomar-lhes os castelos” (Lapa 1970: 425), este poema coloca-nos perante *Maestr'Acenço*, um clérigo-físico que, ao socorrer em Roda um cavaleiro, matou-o com a mezinha que ele próprio fabricara.

Acenço, tal como *Ascêncio*, é uma variante de *Ascenso*. Enquanto que *Acenço* remonta pelo menos ao séc. XIII, mesmo como apelido¹⁹, a forma *Acenso* atesta-se em 1500²⁰. Relativamente ao nome *Ascenso*, Vasconcellos (1928: 62-63) encontrou-o entre 1641 e 1744, no “Inventário dos livros de matrícula dos moradores da Casa Real”. Para o femi. parece ter havido as formas *Ascênsia* e *Ascensa*²¹. A História fixou o nome de José *Ascêncio* (ou *Ascênsio*?) Torrado mas não mais do que isso²². Actualmente, *Ascenso* é utilizado quer como nome próprio quer como apelido²³. Do latim *ascensu-*, «subido, elevado» (particípio perfeito de *ascendere*), o antropónimo está possivelmente relacionado com a Ascensão (*ascensio*) de

¹³ Machado I, p. 34. Cortesão localiza o vocábulo *Abril* em situações diferenciadas: primeiro, como nome de homem, no séc. XIV (p. 381) e depois, como nome de mulher e apelido, no séc. XV (p. 7). L. de Vasconcellos, por sua vez, apresenta-o como “nome próprio medieval e do século XVI” (*Opúsculos III*, p. 79).

¹⁴ Cf. Machado I, p. 34 e Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXI, p. 18. Como apelido, surge, por exemplo, na pessoa de Bento Medeiros *Abril* (em L. Telef. – Linha de Sintra, 95/96, p. 13).

¹⁵ Para o conhecimento de algumas particularidades fonéticas relativas ao vocábulo *Abril*, ver Nunes, *Comp. de Gram. Hist. Port.*, pp. 56, 117 e 150.

¹⁶ B, *Maestra çenço*; V, *Maestraçenzo*; Braga, *Maestr' Açenso*.

¹⁷ V, *maestraçenço*; Braga, *maestr' Açenço*.

¹⁸ V, *maestraçenço*; Braga, *maestr' Açenço*.

¹⁹ Num documento de 1294, figura um *Johane Aceço* (Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXI, p. 69).

²⁰ Machado I, p. 176. Não confundir a forma antroponímica com o vocábulo *acenso* (do latim *accensus*), nome usado para designar, na jurisprudência feudal, o arrendamento duma propriedade; para além de denominar também um antigo oficial subalterno, adjunto a qualquer alto funcionário romano (Ver *G. Enc.* I, p. 228).

²¹ Ver Nunes, *Rev. Lus.*, Vol. XXXI, p. 69.

²² A *G. Enc.* (3, p. 464) refere esta personalidade mas, ao remeter para “Torrado”, nada diz sobre ela.

²³ Cf., por exemplo, L. Telef. – Lisboa (cidade), 96/97, p. 110.

Cristo²⁴. Na passagem do étimo latino *ascensu-* para a forma actual *Ascenso*, a oclusiva velar /c/ tornou-se fricativa dental.

2.3. ALHO: L 125, B 1326, V 932; vv. 5, 11 e 17 (Estevan da Guarda)

Conhecido pela alcunha de *Alho*, este juiz e advogado é escarnecido por infringir descaradamente as determinações reais a troco de dinheiro. Oliveira²⁵ coloca a hipótese de se tratar de "João Alho, corregedor do rei na Beira entre 1358 e 1362".

A propósito de alcunhas e apelidos tomados da Botânica, L. de Vasconcellos (1928: 260-263) apresenta-nos alguns exemplos: em 1220, nas "Inquisitiones", "Fulano Barva d' alio (= alho)", e "Petrus Barvalho (...) (= Barb' alho)"; em 1303, "Lombo d' alhos, alcunha de Gonçalo Eannes"; e, no séc. XV, "Fernand' Afonso dito Alho". Machado (I, p. 98) acrescenta o nome de Afonso Martins *Alho* de 1353. A História registou ainda, com o nome de *Alho*, o cónego Martim, arceediago da Sé de Lisboa (séc. XV) e o Padre Cipriano Pereira, presbítero natural de Évora (m. 1834)²⁶. Actualmente, e para além de apelido²⁷, esta forma realiza-se como topónimo (Ansião, Batalha, Guarda ...) vindo quer do substantivo comum «alho» quer do antropónimo²⁸.

Do étimo latino *alliu-* (*allium*, i, n.), «alho», até à forma actual há a considerar apenas a palatalização da alveolar /l/, devido à proximidade da semivogal palatal /i/²⁹.

2.4. BEEITO / BEEYTO³⁰: L 182, B 1463, V 1073; v. 1³¹ (Johan Ayras de Santiago) L 183, B 1464, V 1074; v. 1 (Johan Ayras de Santiago) L 184³², B 1465, V 1075; vv. 1, 3, 7 e 11 (Johan Ayras de Santiago)

Johan Ayras de Santiago dedica nada menos que três cantigas a este *Don Beeito/ Beeyto*. Numa delas (L 184), o trovador santiaguês parece aludir ao casamento pouco venturoso de *Don Beeito* através das reacções das mulheres que assistiam ao enlace. Esta desventura poderá justificar-se se, na cantiga L 183, a *mia senhor* de Joan Airas de Santiago for afinal a esposa de *Don Beeito* (um *home duro*,

²⁴ Ver L. de Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 63 e Nascentes, p. 29.

²⁵ Ver Lanciani, p. 246.

²⁶ G. Enc. 1, p. 941.

²⁷ Ver, por exemplo, L. Telcf. – Região Porto, 95/96, p. 58.

²⁸ Cf. Machado I, p. 98.

²⁹ Ver Nunes, *Comp. de Gram. Hist. Port.*, p. 142 e Nascentes, p. 11. Machado (*Dic. Etimológico* 1, p. 199) refere que a origem de "alho" se encontra na forma *aleu-*, «alho», considerada vulgar.

³⁰ Lapa transcreve sempre *Beeito*.

³¹ B e V, v. 2.

³² Em B e V, o antropónimo *Beeito* surge nos vv. 1, 4, 8, 11 e 12. Em Braga, *don veeyto*, nos versos 1 e 4.

pouco inteligente porque enganado pela mulher?). Na cantiga L 182, noticia-se o alegre regresso de *Don Beeito*, vindo de *Mompiler* com prendas para a esposa. Desta vez a alegria de *Don Beeito* não se justifica porque os negócios (em *coiros*) não lhe correram nada bem.

Do latim *benedictu-* (particípio perfeito de *benedicere*, «dizer bem»), o antropónimo apresentou, no século XIII, as formas *Bẽito* e *Beeito* (ou *Beeyto*), enquanto que no século XV se atesta já a forma *Bento*, para além de *Bẽeto*³³. Assim sendo, a história fonética do vocábulo poderá representar-se do seguinte modo: *Benedictu-* > *Bẽdictu* > *Bẽito* > *Bẽeto* > *Bento*. Note-se a síncope das oclusivas nasal /n/ e velar surda /c/ e, posteriormente, a crase das vogais palatais /ee/ e o desenvolvimento da nasalização. Geralmente, depois da síncope do /n/, o til surge a marcar o primeiro /e/ do antropónimo já que, segundo Elza Machado (1949-1964: 202), “o n intervocálico nasalizou o “e” precedente, antes de desaparecer como consoante”: *beeito*, *beeyto* e *beeito*³⁴. Diz ainda (p. 203): “o d intervocálico (...) também se foi. O c, antes do t, vocalizou-se e confundiu-se com o i tónico. Ligou-se ao segundo e que, adquirida a nasalização ao primeiro, acabou por monopolizá-la, juntamente com a tonicidade, eliminando por fim o i. Algumas formas apresentam desnasalização, na Idade Média, não somente gráfica”. Depois dá vários exemplos: *Beeito*, *Beeyto*, *Bieyto*, *Bieito* e *Beento*. Entre nós, a forma culta *Benedictus*, “cognome romano que aparece na epigrafia pagã já pelo menos desde 140”³⁵, ocorre em 922 e *Bendictus* em 973. *Bendo* (nome de homem), em 1067. Os patronímicos de *Benedictus* eram *Benedictis* (972), *Benedictissi* (985), *Benedictizi* (1032) e *Benedictiz* (1096) (*Beentiz* no séc. XIV)³⁶. A par da forma literária *Benedito*, usa-se também, e com mais frequência, a popular *Bento*, que coexistiu com *Beeito* ou *Bieito*³⁷, depois *Beito*. *Benito* é de proveniência castelhana. *Beites* é o patronímico de *Beito*; *Bentes*, de *Bento*, e é evolução de *Benedictiz*³⁸.

Muito usado pelos primeiros cristãos, o antropónimo *Bento* expandiu-se com facilidade devido, principalmente, à veneração prestada a S. *Bento* (n.480?-m.547?), patriarca do monaquismo ocidental e fundador dos monges beneditinos³⁹. A comprovar a popularidade deste nome, veja-se “São *Bento* da Porta Aberta”, com vários santuários no Norte de Portugal. Este antropónimo encontra-se também ligado a papas: de *Bento* I (575-579) a *Bento* XV (1914-1922). Actualmente, o antro-

³³ Cf. Nascentes, p. 42 e Machado I, p. 243.

³⁴ Note-se todavia que, relativamente ao adjectivo, às vezes o til surge no segundo /e/ (*bẽeto*, *bẽeto*) porque “a ressonância nasal comunicou-se à vogal seguinte” (Nunes, *Comp. de Gram. Hist. Port.*, p. 114).

³⁵ L. de Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 60.

³⁶ Cf. Machado I, p. 241 e Cortesão, pp. 48 e 393.

³⁷ A forma *Bieito* foi usada ainda por Sá de Miranda (Cf. Piel, “Nomes de «possessores»”, p. 187).

³⁸ Nunes, *Rev. Lus.*, vol. XXXII, p. 62.

³⁹ Diz Dauzat (p. 96): “Benedictus (...) nom mystique, est resté en faveur grâce à la popularité de Saint Benoît, fondateur, au VI siècle, du premier grand ordre monastique”.

pónimo *Bento* (e *Benedito*) mantém-se quer como apelido quer como nome próprio. Como topónimo, *Benedito* é muito frequente no Brasil; *Benedita* em Alcobaça, Guarda e Porto; *Bento* em Caminha, Coimbra Lisboa e Brasil; *Bentos*, na Guarda; *Bente* em V. N. de Famalicão; *Bentes* em Almodôvar; e *Bentinha* em Alandroal⁴⁰.

2.5. BELPELHO: L 57, B 1470, V 1080; vv. 1⁴¹, 19, 33⁴² e 50 (Don Affonso Lopez de Bayan)
L 58, B 1471, V 1082; v. 2 (Don Affonso Lopez de Bayan)

A acreditar na rubrica dos Cancioneiros B e V, estamos perante a gesta de maldizer que Don Affonso Lopez de Bayan fez a Don Meendo («O Belpelho») e a seus vassallos. O autor, de uma forma minuciosa e pitoresca, dá-nos conta do perfil bronco e inusitado dos "guerreiros" de *Don Belpelho*. Os especialistas não têm grandes dúvidas quando referem que o *Belpelho* ridicularizado é D. Mendo (ou Mem) Rodrigues de Briteiros, apesar deste nunca ser referido nos textos poéticos: 1º porque a rubrica que encabeça as cantigas menciona claramente o nome de D. Mendo; 2º porque há toda uma série de informações nas cantigas (sobretudo em L 57) que o comprovam: a casa de Longos Vales (junto ao Minho) e até o nome de alguns dos "alardeados" (Lopo Gato, Martim de Farazon, Meem Sapo ...). Concluindo, *Don Belpelho* seria então D. Mendo Rodrigues de Briteiros, filho de Rui Gomes de Briteiros, um medíocre e ambicioso infanção elevado à categoria de rico-homem por D. Afonso III, o Bolonhês⁴³.

A propósito de alcunhas e apelidos tomados de nomes de animais, Vasconcellos (1928: 234) coloca a origem de *Velpelho* no latim *vulpeculu-* (*vulpecula,ae*, cellos (1928: 234) coloca a origem de *Velpelho* no latim *vulpeculu-* (*vulpecula,ae*, f.), diminutivo de *vulpes* (*vulpes, is, f.*), «raposa». A alcunha *Belpelho* ou *Velpelho* deve-se provavelmente à perspicácia oportunista de uma família que soube servir-se dos poderosos para subir na hierarquia social. Até à forma medieval⁴⁴, o étimo latino sofreu a síncope da velar pós-tónica /u/ e a conseqüente palatalização do grupo consonântico /cl/ (*vulpeculu->vulpeclu>velpehu*). Assinale-se ainda uma assimilação completa regressiva já que os fonemas vocálicos /u/ e /e/ se tornaram iguais (*Vulpehu>Velpelho*). Considerando a forma *Belpelho*, pode falar-se ainda de betaísmo (*Velpelho>Belpelho*).

2.6. CODORNIZ: L 176, B 455; v. 1 (Conde D. Gonçalo Garcia)

A rubrica de B (fl. 99, v.) aponta para um dos grandes escândalos do séc. XIII – o rapto de D. Maria Rodrigues *Codomiz* por João Bezerra, "da raça dos traidores

⁴⁰ Cf. Machado I, pp. 240-243. Ver outras formas toponímicas em Piel, *op. cit.*, p. 187.

⁴¹ V, *velpehu* (em todos os outros exemplos, sempre *belpelho*); Michaëlis (pp. 403-404) e Nunes, *velpehu*; todos os outros editores, *Belpelho*.

⁴² Este e o verso seguinte (nº 50) são, em B e V, os números 32 e 49, respectivamente.

⁴³ Cf. Lapa, p. 96; Elza Machado, p. 207 e Machado I, p. 238.

⁴⁴ Que se saiba, a alcunha *Belpelho* ou *Velpelho* não tem uso actualmente.

da Beira”: “Esta cantiga de cima fez o conde dom Gonçalo Garcia en cas do Rodrigo Sanchez, por hua do[n]zela que levaron a furto que avia nome Codorniz e o porteiro avia nome Fiuz”. No *Livro de Linhagens do Deão* refere-se também o rapto da galega Maria Rodrigues *Codorniz* mas este teria ocorrido em casa do magnate galego D. Rodrigo Gomes de Trastâmara, seu familiar, no segundo quartel do séc. XIII⁴⁵. Não sabemos que razão estará na origem do nome *Codorniz* aplicado a D. Maria Rodrigues; parece, no entanto, tratar-se de “denominação ofensiva, com alusão ao facto da codorniz ser ave de arribação”⁴⁶. Mais tarde, o antropónimo *Codorniz* aparece também aplicado a homens: como alcunha, “D. Ruy Fernandes o *Codorniz*” (séc. XIV), e como apelido (séc. XV)⁴⁷.

Tomada de um nome de animal, a sua origem encontra-se na forma latina *coturnice-* (*coturnix*, *icis*, *f.*), «codorniz». As alterações fonéticas mais importantes são a sonorização do fonema áptico-dental /t/ e a fricativação da oclusiva final /c/.

Referências bibliográficas

- BARTHES, Roland *et alii* (1980), *Linguística e Literatura*, Edições 70, Coleção Signos, nº 9.
- BRAGA, Joaquim Theophilo (1878), *Cancioneiro Portuguez da Vaticana*, edição crítica restituída sobre o texto diplomático de Halle, acompanhada de um glossário e de uma introdução sobre os trovadores e cancioneros portugueses, Lisboa, Imprensa Nacional.
- CENTRA, Luís Filipe Lindley (1982), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci Brancuti)*, cod. 10991, Edição Facsimilada, Biblioteca Nacional/IN-CM.
- CORTESÃO, António Augusto (1912), *Onomástico Medieval Português*, Separata do «Archeologo Português», vol. VIII e seguintes, Lisboa, IN-CM.
- DAUZAT, Albert (1988), *Les Noms de Famille de France – Traité d'Anthroponymie Française*, 3ème. édition, revue et complétée par M. T. Morlet, Paris, Librairie Guénégaud.
- FONSECA, V. P. (1971), *Cantigas de Escárnio e Maldizer dos Trovadores Galego-Portugueses*, 2ª ed., Lisboa, Liv. Clássica Editora.
- Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira* (s. d.), 40 vols. + vols. de actualização, Lisboa-Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia.
- LANCIANI, Giulia e TAVANI, Giuseppe (1993), *Dicionário da Literatura Medieval Galega e Portuguesa*, trad. de José C. Barreiros e Artur Guerra, Editorial Caminho.
- LAPA, Manuel Rodrigues (1970), *Cantigas d'escarnho e de mal dizer dos cancioneros medievais galego-portugueses*, 2ª ed., revista e acrescentada, Colección Filológica, Editorial Galaxia.
- LYONS, John (1983), *Language, Significado y Contexto*, Barcelona, Ediciones Paidós.
- MACHADO, Elza Paxeco e MACHADO, José Pedro (1949-1964), *Cancioneiro da Biblioteca Nacional (Colocci Brancuti)*, Facsímile e transcrição, leitura, comentários e glossário por –, 8 vols., Lisboa, Edição da “Revista de Portugal”.

⁴⁵ Ver Lanciani, pp. 300-301.

⁴⁶ Machado I, p. 430.

⁴⁷ L. de Vasconcellos, *Antroponímia*, p. 221 e Machado I, p. 430. Ver também Cortesão, p. 87.

- MACHADO, José Pedro (1977), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, 5 vols., 3ª ed., Lisboa, Livros Horizonte.
- IDEM (1993), *Dicionário Onomástico Etimológico da Língua Portuguesa*, 3 vols., 2ªed., Horizonte/Confluência.
- MICHAËLIS de VASCONCELLOS, Carolina (1990), *Cancioneiro da Ajuda*, ed. crítica, vols. I e II, reimpressão da ed. de Halle (1904), acrescentada de um prefácio de Ivo Castro e do glossário das cantigas (Revista Lusitana, XXIII), IN-CM.
- NASCENTES, Antenor (1952), *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, tomo II (Nomes Próprios), Rio de Janeiro.
- NUNES, José Joaquim (1989), *Compêndio de Gramática Histórica Portuguesa (Fonética e Morfologia)*, 9ªed., Lisboa, Clássica Editora.
- IDEM (1933-37), "Os Nomes de Baptismo – sua origem e significação", em *Revista Lusitana*, Arquivo de estudos filológicos e etimológicos relativos a Portugal, dirigido por J. Leite de Vasconcellos, vols. XXXI-XXXV, Lisboa, Liv. Clássica Editora.
- PIDAL, Ramón Menéndez (1957), *Poesia Juglaresca y Origenes de las Literaturas Romanicas – Problemas de Historia Literaria y Cultural*, 6ª ed. (corrigida e aumentada), Madrid, Instituto de Estudios Políticos.
- PIEL, Joseph-Maria (1947), "Nomes de «possessores» latino-cristãos na toponímia asturo-galego-portuguesa", em *Biblos*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, vol. XXIII, Coimbra .
- VASCONCELOS, José Leite de (1928), *Antroponímia Portuguesa – Tratado comparativo da origem, significação, classificação e vida do conjunto dos nomes próprios, sobrenomes e apelidos, usados por nós desde a Idade-Média até hoje*, Lisboa, Imprensa Nacional.
- IDEM (1931), *Opúsculos*, vol. III (*Onomatologia*), Coimbra, Imprensa da Universidade.